

aquilino

REVISTA LITERÁRIA DA CÂMARA MUNICIPAL DE SERNANCELHE



2009 | Nº 1



Ficha Técnica

Título: aquilino - Revista Literária da Câmara Municipal de Sernancelhe

Director: Paulo Neto
pzarco@gmail.com

Autor: Vários

Propriedade: Câmara Municipal de Sernancelhe

Sede: Sernancelhe

Endereço / contactos:
Rua Dr. Oliveira Serrão
3640-240 Sernancelhe

T. 254 598 300
F. 254 598 319
M. 967 250 208 / 967 252 243

E. geral@cm-sernancelhe.pt
W. www.cm-sernancelhe.pt

Arranjo gráfico: PN; Carlos M. Fernandes

Fotografias: Paulo Pinto; Jerónimo Costa; PN

Tiragem: 1.000 exemplares

Periodicidade: Anual

Impressão: Cartolito - Artes Gráficas, Lda. | Av. da Bélgica, Viseu

Depósito legal: 287126/08

ISBN: 978-972-98148-2-2

Linhas Editoriais

A Revista Literária da Câmara Municipal de Sernancelhe, "aquilino", pautar-se-á pelas seguintes linhas editoriais:

- 1) Divulgar a obra de Aquilino Ribeiro;
- 2) Investigar temáticas aquilinianas;
- 3) Incentivar estudiosos e ensaístas a pesquisar neste domínio;
- 4) Proporcionar aos intelectuais mais jovens, a difusão nacional e internacional dos seus trabalhos;
- 5) Descobrir novas pistas de estudo;
- 6) Trazer à luz textos do escritor menos conhecidos e pouco acessíveis, nomeadamente, textos jornalísticos e prefácios a obras de outros autores;
- 7) Usar de rigor, isenção e verdade nas suas páginas;
- 8) Servir a uma única política: a Cultural;
- 9) Testemunhar o seu maior apreço por Aquilino Ribeiro;
- 10) Criar nos mais novos, mais uma razão de orgulho, por serem oriundos do Concelho de Sernancelhe;
- 11) Relatar eventos culturais concretizados no Concelho;
- 12) Desenvolver o gosto pela leitura.

Cruz Leal
22/10/41 O meu Leal:

P.S. As palavras, Sernancelhe!

Impressional da-ano o
regio de uerenda no
lucos do mio |
ven. b. p. u. m. de
A. h. g. p. n. caros
no circular e p. b.
C. e p. s. dove re
Uma impermeia. Fica
no a crescer a aque na
fica para uma outra pro-
xima vez. Sem a l. d. r.
Aquilino Ribeiro.

Carta manuscrita de Aquilino Ribeiro ao seu amigo Leal da Câmara

Retratos paisagístico-gastronômicos na obra aquiliniana

Jaime Ricardo T. Gouveia
Instituto Univ. Europeu

Aquilino teve sempre nos olhos e trouxe sempre na alma, as nossas aldeias cimeiras e as várias vilas modestas, algumas sornas de vida vazia que em boa hora satirizou, bem como os sítios mais recônditos e os santos lugares que a marca da história distingue ou o selo da beleza brasona. Citânias, castelos, conventos, ermidas, paisagens vastas, encostas soberbas, outeiros que respiram serenidade, rios sonolentos que tranquilamente se espreguiçam da quietude, por entre choupos, amieiros e moinhos que afrontam o vento, rasgando os imensos vales mansos de pascigo por onde vagueia o gado a toque de arrocho pelo homem da palhoça com carapuça de lã, polainas de junco e tamancos com testeiros de ferro, e pela mulher da capa de burel, vigiados pelos cumes agrestes altaneiros e senhoris, onde lobos uivam lazarentos, tornam-se no labor literário, ecos reminiscentes onde pululam vivos os testemunhos do passado, quais idades distantes de vidas já idas.

É importante insistir no carácter amplamente emotivo e estético da experiência que Aquilino pretendia descrever. Era-o desde a observação atenta e apaixonada do real até à produção emocionada do texto, ao que acresce a intensidade do cântico interior. Daí que o escritor, se o é de verdade, não possa deixar de escrever, como o poeta não pode deixar de compor os seus poemas, como o músico de criar as suas sinfonias, como o namorado de falar da sua amada, como o místico de rezar e cantar.

Romancista da cidade, como se percebe em *O Arcanjo Negro* e em *Mónica*, mas também do mundo, Aquilino esteve atento às tergiversações de uma modernidade encapuzada não apenas nos espasmos que a figura feminina provocava nos círculos sociais mais expeditos, mas também nas cambiantes políticas da emergência de grupos revolucionários e de uma monarquia a soçobrar com eco reminiscente do passado europeu projectado



Pão da Lapa

no presente luso.

A velha capital, evidenciadora de um escriba que vê e desenha com palavras a realidade que ante os olhos atentos se lhe depara, aparece também aqui e acolá referenciada. O ensejo do movimento migratório de Aquilino para Lisboa teve o condão de o transformar num dos poucos escritores que obtinham das letras o pão de cada dia, ao mesmo tempo que o possibilitou de privar com a mais fina-flor da elite palrreira dos círculos cultivadores da máxima Décartiana, *cogito ergo sum*, que, como ele, se lhes havia antolhado recovarem-se para a vetusta *Olissipone*.

Atento, era também, aos formigueiros humanos das polis europeias, não se poderá negar. Porém, a orla onde o espaço físico aquilino gravita por excelência, é efectivamente o *locus* rural, de onde se divisa o ambiente comezinho, o trato rústico, o promontório do íncola serrano onde nos píncaros mais airosos se alcandoraram robustos penedos de fero granito, com carantonhas de feição estranha, moldadas pelo demo, e dotadas de tal virilidade onde nem a água plácida mete o dente. Embora noutro contexto, António de Sèves, em *A Revolução Francesa*, produziu algumas frases que bem se aplicam ao exercício típico de cantar o povo a que Aquilino deitou a luva. Os grandes homens, dizia Sèves, são apenas aqueles que têm o poder de exprimir e tornar actuante o que de mais forte, belo e puro se cristaliza ocultamente na alma popular – e por isso a iluminam e a conduzem, dócil e enaltecida. Mas, em todas as fontes, o próprio movimento do caudal cria limos, lodos, depósitos no fundo. Basta mexer a água, sem cuidado, para que os limos e os lodos venham ao de cima, sobrenadem, turvem. E se um louco, um perverso, um insensato deixa romper ou rompe um dique, forma-se uma enxurrada. As massas humanas são enxurradas. A água límpida é o Povo. Vem dele o sentimento religioso que desanimalizou o homem, o sentimento do Passado que dá continuidade e altura à vida colectiva, o sentimento de justiça que produz a ordem, o sentimento do valor que eleva os merecimentos, o sentido da honra que esmaga a vileza, o sentimento do amor que sublima a vida, a exaltação da Fé que dá milagres. É também deste povo que fala Aquilino.

É entre a dicotomia campo-serra, planície-montanha, que emerge o habitat natural, social, político e económico, que Aquilino prosando poetiza. Nela encontramos prados, hortas, bacelinhos, recortados por regos, onde as águas, que o repartidor administra, vão cantando curso a fora e refrescam as mais profundas raízes; as fontes comunais através das quais se baseia o abastecimento das populações, local de sociabilidade laica onde o Cupido espreita corações; os baldios de combustíveis e de mata-bicho da sofreguidão animal, garante da permanência de uma economia agro-pecuária; a mão-de-obra submissa, por vezes escrava, quando dos mimos grande parte se destina a depósito no celeiro dos abastados; a religiosidade, como uma seara que exige certos cuidados, mas mais litúrgica que interior, como que pigmentada, resultando do “sou assim porque nasci assim”; o carácter do homem das *Terras do Demo*, que o próprio Aquilino caracteriza como sendo um tipo de tino, que, como a própria serra, tem a alegre e descuidada fleuma da água perdida pelos chavascais, a ligeireza sem causa nem rasto de vento, a frugalidade de um láparo, o ardil do repouso e, em certas ocasiões, a ferocidade de um lobo; a política, onde alguns arregimentavam a sua igreja e outros cimentavam os seus caciques. Homens e povos só são batidos, escravizados, reduzidos, quando eles mesmos se desvirtuam, perdendo a noção das forças que os definiram e impuseram. E se o instinto ou o sentimento, exaurido ou afrouxado, não chega para dar essa consciência, é indispensável que a inteligência a procure e a revele, livre de velários de qualquer paixão. Aquilino, sabia-o! E nalgumas das histórias que conta, evidencia-o. Sim, também isso. Nas histórias de algumas personagens individuais. Toda a gente tem uma história, mas algumas, como ele próprio as concebia, eram dignas de ser contadas e ouvidas. São histórias maleáveis, onde encarnam milhares de indivíduos do passado e do presente, e que

espartilham o leque de respostas à pergunta: o que somos? Não é como pássaros empoleirados nos fios do descaminho que, ao entrar-mos na trama aquiliniana, nos apercebemos que somos uma série de tentativas de ser, com uma certa constância de memória, de recuperação de passado, de projectos.... ? Talvez seja esta - será possível asseverar - a única parte que da resposta é susceptível de ser comum a todos os que tomam parte desse exercício introjectivo.

Segundo as doudas palavras de alguns, ele é dos poucos escritores que na literatura portuguesa apresenta fortes marcas da picaresca, o que se torna perceptível com veemência na errância de Macário em *O Homem Que Matou o Diabo*, na facúndia e na navalha do *Malhadinhas*, e até na sabedoria e nas andanças de Manuel Louvadeus de *Quando os Lobos Uivam*.

É de notar ainda o lastro mágico-espiritualista que perpassa uma parte da obra aquiliniana. *Andam Faunos pelos bosques*, é o mais cabal exemplo. Por aí se delonga o cunho aquiliniano, típico de uma literatura etnofantástica lampa, isto é, aparecida numa altura onde dela ainda não desflorava eco. O mesmo destaque merece a evocação filosófico-histórica também patente, assim como as aventuras mítico-sensuais que podemos encontrar pela *Estrada de Santiago* ou *S. Bonaboião, Anacoreta e Mártir*. De todas as linhas que adossou ao papel, dimana matéria infindável de análise, desde o sangue, as lágrimas, os projectos, as humilhações da *Via Sinuosa* e *Lápides Partidas*, às mágoas e fúrias de *Cinco Réis de Gente* e *Uma Luz ao Fundo*, ao memorialismo da crónica romanceada *A Casa Grande de Romarigães*, à ficção social económico-histórica do *Volfrâmio*, à epopeia selvagem da defesa dos direitos consuetudinários de *Quando os Lobos Uivam*, ou às camponesas beirãs de *Maria Benigna* e *Malhadinhas*, que guardavam as filhas como dias santos. Não as votavam esterilmente ao celibato, mas reservavam-lhe um destino a seu gosto. Não as tinham trazido no ventre? Não as tinham criado, educado, sofrendo por elas penas e reveses? Sabe Deus! Mas, muitos seriam os vectores de análise, tantos outros... os quais, para evitar adscrição e por imposição de rigor exegetico, somos conduzidos por ora a determo-nos apenas no ambiente descritivo que nos motiva este trabalho.

Capricha, a paisagem de Aquilino, em mostrar-nos aguarelas constantes de uma região acentuadamente diferenciada de todas as outras. Zona planáltica, circundada de serranias onde abunda o pinheiro a que chamam o rei da Beira Alta. A serra é talvez um dos elementos mais importantes da paisagem Aquiliniana. Ela age como força polarizadora, num habitat onde o homem sente a terra, que é negra como as cobras, à qual se prende como às raízes da própria vida. Ela foi muito tempo o *solar do homem primitivo, vagabundo relapso sem outra telha que o céu estrelado*.



Já dizia Vasco Miranda, citando frei Bernardo de Brito, que se alguns portugueses devem ser tidos por verdadeiros são os naturais da Beira, rústica e afidalgada, a quem o rei D. Afonso III chamava lagoa de sangue nobre. Exagero literário, em virtude das diferenciações no seio do país e das notórias variações de região para região. Não se duvide, porém, que a cultura popular que Aquilino perpetuou seja genuína e imarcescível. É-o de facto. Límpida como os chuviscos que placidamente descendem das folhas outonais. Cristalina como as águas do regadio que nas veigas corricam como estrelas. E na *Nave*, planalto da serra onde grande parte dessa imagética cultural se denuncia, manda o *Demo*. Um *Demo* próprio, cujo habitat é caracteristicamente penoso. Não de uma malevolência de fermentos daninhos e de fumos sulfúreos e satânicos a exalarem do infernal ventre da Terra. Mas de um habitat de onde exalam nevoeiros que cerram o horizonte dias a fio, onde os ares gélidos cortam e torram orelhas ao léu, onde a neve de metro impede a trabuca, onde as chuvas áridas e constantes enlameiam a terra de bastas pedras, negra como as ofídias. Uma terra reveladora de baixezas que o íncola desbravava com o mesmo esmero com que cultivava a alma com os olhos fitos num céu promotor de glórias.

O portentoso labor aquilino é vasto e variado. À imensidão das características que impregna à paisagem soma-se, entre outras, a gastronomia, a qual aparece amiudadamente na sua obra. Tome-se como exemplo, a iniciar, as descrições gastronómicas que correm pelas páginas de “O Malhadinhas”, onde logo bem no início se encontra uma referência à instância outonal, primordialmente ligada à gastronomia: *“No Outono, assim que as sombrias começavam a cair nas esparrelas, um cristão recolhia-se à toca. Lar bem sortido de lenha, porco na salgadeira, pipinha com o espicho a compasso, o boizana do temporal podia bufar.”*

Mais adiante, a propósito das façanhas de caminhante, típicas das jornadas do almocreve Malhadinhas, aparece nova descrição curiosa, desta feita a troca de produtos litorâneos com os das Terras do Demo: *“Pois é verdade, ainda me não picava a barba e já eu, desta Barrelas de cara direita, perdida no calcanhar do mundo atrás de caminhos excomungados, batia até a Costa Nova, à cata de sal, de sardinha e doutros géneros daquelas paragens, que ao tempo se vendiam mais caro que os “poses” da botica. E ia trocá-los pelo azeite, a azeitona, o linho em adeitos [...]”*

Já com o Malhadinhas a bater poiso noutras paragens, sempre bem sucedido, quando a hora era de medir forças na afirmação da virilidade, sobretudo quando nos caminhos da aventura se enlaçava o olhar ternurento de Rita, fazendo esquecer Brísida, a pobre mulher do almocreve que, com bebé ao peito, via partir o seu Ulisses com a esperança de o ver voltar, Aquilino enceta nova descrição gastronómica: *“De beber, pelo tempo das malhas, damos nós sempre a quem passa. É como cá os senhores, com as uvas, quando andam a vindimar. [...] Mas ande, beba-lhe... Estará você mal comido, seu moço? Respondi-lhe que trincara um pedaço de broa com queijo e que me sobrava merenda nos alforges, ainda que a verdade era eu trazer apetite de lobo, para esfandegar um cabrito, se o apanhasse assadinho no espeto. Mas ele, não deu crédito às minhas palavras e, guiando-me até casa, mandou pôr a mesa. [...] Comi-lhe bem, bebi-lhe melhor. [...] Não me admirei de admirar as parreiras, muito bem tratadas, já com pâmpanos de palmo, o olival que trazia boa promessa, a água que era um Douro, e as colmeias que começavam a sair ao sol da Primavera.”*

Para terminar, a festa popular, onde, à típica maneira beirã, se redemoinha, parola, discute, confraterniza, insulta, compra, vende, e sobretudo se come à tripa-forra, isto é, se tira o ventre de miséria até cansar as mandíbulas e não caber mais na pança; e se engabela vinho sem cautela, que Baco protege quando “aqui d’el rei”: *“Veio a festa do mártir S. Sebastião, ao tempo das mais faladas pelas redondezas, que dava com a velha Barrelas, durante três dias, nas pantanas do gozo. A gente confessava-se e comungava e, depois com a alma limpa como quando se toma*

uma dessas boticadas que aliviam o corpo dos maus humores e o deixam livre e lesto para os grandes apetites, era comer, beber, pandegar, mediante a quota de dez tostões quem quer podia sentar-se ao almoço e jantar no dia da festa, e à ceia, com os crêscimos, no dia seguinte. [...] Certo era haver naquela data enchente forte de vitela, cabritos e peixe, em que o nosso Paiva era abundoso; o vinho corria como de fonte farta, e as zanguizarras da terra e de fora da terra batiam o terreiro, cada qual mais assanhada. Ninguém que se prezasse faltava com a sua finta, certo que lhe ficaria forra com tirar o ventre de misérias e empanturrar-se para uma semana inteira.”

Cambiando agora de obra, deter-nos-emos timidamente no *Homem da Nave*, de onde se menciona o caldo verde de couves galegas, as trutas de escabeche, as sardinhas assadas na taverna, o pão taludo como as rodas dos carros onde se entala uma chouriça ou umas talhadas



As trutas do Paiva

de toucinho, a marrã de Santo André – altura em que quem não mata o porco mata a mulher, o vinho de matar a sede ou de tomar a clássica carraspana de caixão à cova, o feijão, a batata e as hortaliças que representavam acessório nas terras de altitude. O *Homem da Nave* é a exaltação do rural por oposição ao urbano, até nos filões gastronómicos: “Os senhores urbanistas, afeitos à postinha de pescada e ao bife de vitela bem grelhado, não fazem ideia do que sejam estes tassalhos de carne fresca, frígidos nos ádipes a um lume de tangos em pleno ar livre, com uma caneca de verdasco a entoar em suas camarinhas saltantes a música da regaleira! Devia ser o petisco primacial com que Astolpas festejou as núpcias de seu genro Viriato e o rei Vamba comemorava os aniversários. Mas para lhe sentirem a sublimidade, claro está, têm de trazer um estômago de vinte anos.” E é esse locus rural, o espaço por excelência da caça: “Nos baptizados a caça fornecia o prato de resistência. Hoje é comer de ricos, e há-de acabar por ser iguaria de

lordes e de grão-duques, como o caviar.” Mais à frente, encontramos-lhe nova referência, não como passatempo, como arte, mas como utilidade frequentada pelo vulgo com capital para as licenças. Nas tavernas dos povilhéus montesinos, onde os atiradores paravam, se puxassem por pecúnia o vendeiro não tinha que lhes dar *“além do briol, senão um bolo de pão, duro como os seixos, e uma malga de azeitonas.”* É que, o homem da Nave, vivia nas *Terras do Demo*, onde a existência era penosa como o carregar do madeiro até ao Calvário. Melhor era pão duro que figo maduro, até porque segundo um rifão *“Pão e vinho e parte no Paraíso.”* Porém, desde que não faltasse o casqueiro, duas azeitonas, uma sardinha corchada e uma cebola crua no açafate, o serrano reinava.

A fome era negra como as trevas, e abria caminho aos exploradores do mato que ladroavam os ninhos, alguns dos quais se davam ao desplante de estudar com certos droguistas *“o processo de dar aos ovos da perdiz, bebidos em gemada ou fritos com salpicão, a aparência de ovos de onde saiu o petulante perdigoto.”* Já os meninos famintos, formavam *Entente Cordiale* com os melros e empassaravam-se nos ramos das figueiras, do que nem um figo restava para prova. Outros, como o João Bispo de *Terras do Demo*, enquanto os seus andavam a *“caldo de nabos com um cassamente de unto e a pão sedição que lhes punham as tripas a roncar como vitelo ougado”*, dava em lambareiro e corria ao açafate ou à ucha, *“e era olho vê, pé vai, mão pilha. A salgadeira não tinha fechadura e, como o fradinho da mão furada, achava sempre tremelhos de lhe chegar, levantando duas tábuas no soalho ou despregando a almofada da porta. Redondo, machacaz, não valendo amo pela matença, para a rapina dava-lhe o Demo arte. E a mãe não era senhora de ir à lida que, numa volta de mão, lá estava ele a alforjar, a espostejar no toucinho, nas pás ou no presunto, para satisfazer o apetite de jibóia. Servia-lhe tudo, contando que enchesse a morca, até o unto que de gordo engulha.”*

Em *Andam Faunos pelos Bosques*, Aquilino intermedeia-se entre descrições gastronómicas





Pormenores de mesas de boas vindas beiroas, na Vª Feira Aquiliniana, Lapa



na sátira aos ministros eclesiásticos das faldas serranas: “A fera abocanhou, esta manhãzinha, uma moça da Lapa quando vinha para a festa. Tinha dezasseis anos, loirita, ao que dizem, uma filhó de se lhe lamber os beiços”, dizia o padre Pires aos seus comparsas. Sentados à mesa no estabelecimento do Quaresma, a linguarejar, este trouxe o canjirão cheio, a chilrear de sua espuma cor-de-rosa o hinozinho da regaleira. E, ao esvaziar para os copos, ripostou de pronto o abade de Barreiras: “Atesta Quaresma, atesta! Uf! Cheguei com um taró!”, ao que aquele lhe respondera: “Pois beba-lhe. O forno aquece pela boca.” E, tal recomendação, era para aprovar sem fingimento de rogado, que a barriga do clero não ia em jejuns: “Lá ao fundo, de pé, em riste a travessa em que acabava de espostejar dois loiros capões entre loiras rodela de batatas, padre Jesuíno vozeava: sabichões lá do cabo, quem quer frango? Padre Moura Seco... Sim colega, venha lá a coirama do pescoço.”

São estas, belas telas, que assim relegadas para a posteridade podemos contemplar, representificando-se perante nós na dialéctica antitética do discurso o esboço desse quadro a preto e branco, pontuando de luzes e sombras, que retrata afinal o dinâmico e o complexo. Pela sua profundidade prenhe de espírito genuíno, tais telas fazem recordar a uns quantos esses tempos idos, e possibilitam a outros tantos, na actualidade, imaginar tais vivências na primeira pessoa, sobretudo quando lobrigando a paisagem e manducando a gastronomia das Terras do Demo, se nos depara uma mesma realidade com um de aquém e dalém unificados.

